Confederação Operaria Brasileira

o anarco SINDICALISTA

Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO I Nº 2 | CENTRO SUL | SET-OUT-1990 | Cr$ 20,00

CUT NAMORA GOVERNO

E VOCÊ SE FODE

NESTA EDIÇÃO

Os dez bons motivos para não votar
Pág - 2

EDITORIAL
Pág - 3

O sindicalismo reformista (ou porque a CUT vai ao pacto)
Pág - 4

NOTAS INTERNACIONAIS
Pág - 2

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

10 Bons Motivos Para Não Votar

O Brasil vive uma "ressaca" de eleições. Só nos últimos anos, fomos obrigados a votar em 85, 86, 88, 89, e agora, mais uma vez. Tudo isso para nada. O povo votou em massa no PMDB na época do Cruzado. Depois no PT e PDT, para protestar contra o mesmo Cruzado. Aí veio Collor e disse que iria "moralizar" tudo. Agora voltam os "filhotes da ditadura" (PDS e PFL) falando em competência e experiência administrativa. A política é mesmo um caminho que vai do zero para coisa nenhuma; eis aqui algumas razões para não participar de toda essa palhaçada:

1 — Você sabe que não é igual ao seu patrão. Ele explora o seu trabalho, fica mais e mais rico, e lhe paga uma mixaria de salário. Depois chega o dia da eleição e dizem que todos são iguais, podem votar. Você vota, mas os ricos continuam ricos e os pobres ficam ainda mais pobres.

O QUE QUEREMOS: Queremos a igualdade política e também a econômica. E esta é impossível sem a expropriação dos patrões e a gestão coletiva das empresas, isto é, todos os trabalhadores tomando conta dos negócios.

2 — Ao eleger um político você está dando carta branca para que ele tome todas as decisões em seu lugar. Eles até dizem: "Vote em mim que eu faço o resto". Se você não gostar do que ele está fazendo, tem que esperar mais quatro anos até a próxima eleição.

O QUE QUEREMOS: Nós, anarco-sindicalistas, defendemos a revogabilidade dos eleitos em todos os níveis (inclusive no sindicato). O delegado dos trabalhadores não deve ser livre para votar o que quiser, e sim para defender as posições aprovadas na sua base (sobre saúde, educação, salários, etc). Ele é um mero representante dos que o escolheram. Se estes quiserem, a qualquer momento podem tirar um que não presta para colocar outro em seu lugar. É claro que isso não combina com o nosso sistema político.

3 — O mundo se divide entre os que mandam e os que obedecem. Os que têm dinheiro, e os outros têm que se matar para receber um salário miserável. Assim são também os partidos políticos: seus militantes dão tudo de si para eleger os seus chefes (ou exploradores). Não há igualdade. Só um grupinho toma as decisões, como numa empresa qualquer.

O QUE QUEREMOS: Uma organização sem chefes nem comandados, em que todos sejam responsáveis pelo trabalho comum. Somos contra a existência de funcionários pagos (como nos sindicatos) ou cabos eleitorais também pagos. As tarefas e decisões são responsabilidade de cada um dos militantes.

4 — Nem o horário eleitoral é dividido de forma igual. Os grandes partidos ficam com a maior parte do tempo, enquanto os pequenos mal têm um minuto para falar. E são as executivas dos partidos, e não a base, que decidem o tempo de falação de cada candidato. Por isso vemos dezenas de "Enéias" na TV, às vezes só com tempo para mostrar os seus retratos.

O QUE QUEREMOS: A igualdade de aparição da TV, no rádio, nos jornais, deve ser absoluta, e não só na época de eleição. Todos os grupos políticos e sociais devem ter livre acesso aos meios de comunicação da mesma forma. Rádio e TV devem ser controlados não por seus donos, e sim pelo coletivo dos profissionais de imprensa. Da mesma forma, os operários controlarão as fábricas, e por aí vai...

5 — A Justiça Eleitoral tem o poder de uma ditadura. Primeiro, todos são forçados a votar, mesmo contra a vontade. Depois, alguns são obrigados a trabalhar como mesários no dia da eleição. Recebem uma carta, ou intimação, e é só. Dinheiro, que é bom, nada. O TSE e os TREs podem ainda tirar um partido ou candidato do ar sob pretexto de linguagem ofensiva, agressão aos adversários, etc. A Justiça Eleitoral é quem julga a si própria.

O QUE PROPOMOS: É claro que nós, anarquistas, somos veementemente contra esta e todas as formas de justiça burguesas. Os juízes são representantes de uma classe, a Burquesia, que é a grande beneficiária de todas as leis. Contra isso, propomos a desobediência ativa a toda esta farsa!

6 — A política é a luta pelo poder. As ditas maiorias elegem o governo, que tem poder de mando sobre todo mundo. Ser governado é ser espionado, revistado, controlado, roubado (pelo imposto) e muitas outras coisas, já dizia o anarquista Proudhon.

O QUE QUEREMOS: Queremos o fim de todos os governos. O Estado é uma máquina a serviço da classe dominante. Queremos o fim de todas as formas de exploração, a fim de que os homens sejam capazes de agir e tomar conta livremente das coisas que lhes dizem respeito.

7 — O voto nunca mudou nada. Todas as vezes que os poderosos se sentiam ameaçados pelo povo, convocavam uma eleição e tudo continuava na mesma. Os reformistas defendem a mudança da política "por dentro". Outros, mais espertos, admitem que ela é mesmo uma merda, mas ainda assim consideram o voto uma boa oportunidade de protesto.

O QUE QUEREMOS: Por instinto o povo já desconfia de políticos e eleições. Nós dizemos a ele que está certo. Não vote, para não reforçar a fonte de sua miséria. Anule o voto, mas não escolha quem vai te explorar.

8 — Nesta época aparecem milhares de políticos "bonzinhos". Tem um que dá lote, outro asfalta rua, paga escola, distribui panelas, dentaduras, fala de suas obras e "benefícios".

O QUE PROPOMOS: Ninguém dá nada de graça. Esses "presentes" são o preço necessário para continuar a te explorar. Se ser político é difícil, por que tem tantos atrás da carniça? Aceite tudo, mas depois dê um pontapé na bunda de todos eles. Eles querem o teu voto, nós queremos tua ação!

9 — Todo político é meio metido a Deus. Diz que vai fazer tudo por nós. Ligue a TV e ouça: "EU", "EU", "EU"... O ditador sempre usa essa palavra. O NÓS está excluído do seu vocabulário. É que, na verdade, a política é um reflexo do sistema. Somos todos individualistas, e estamos sozinhos à espera de um anjo que caia do céu.

O QUE PROPOMOS: O anarquista, o revolucionário, não faz falsas promessas, e nem quer ser o "Salvador da Pátria". Só apontamos o caminho. Se você quer terra, una-se aos seus companheiros para conquistá-la. O mesmo no caso dos salários. Isto se chama ação direta. É mais difícil mas não tem outro caminho. E depois, nós somos muitos. Eles, os ricos, são a minoria. Nós podemos ter tudo, se quisermos.

10 — Então vocês querem acabar com a política?

O QUE QUEREMOS: O "fim da política" é mais do que nunca necessário para trazer a política ao nosso dia-a-dia. O fim dessa política que está aí é o primeiro passo para que a política deixe de ser um mistério, privilégio de uns poucos, e possa ser praticada por todo mundo. Aí já não é nem mesmo política, mas anarquia. Viver sem patrões e governantes. Eis a verdadeira mudança com que sonhamos.

Notas Internacionais

Por que queremos reconstruir a A.I.T.

Muita gente nos pergunta por que COB/AIT. COB porque é uma referência de luta na história do movimento dos trabalhadores, onde a prática anarco-sindicalista chegou a ser a maior força neste País, uma força aniquilada pela feroz ditadura de Getúlio Vargas. A COB significará, quando reconstruída, uma organização livre do povo oprimido, uma organização que não será reformista e traidora como são os sindicatos oficiais e os partidos políticos.

Mas a questão da Associação Internacional dos Trabalhadores — AIT, à qual estamos ligados, é mais importante ainda. Nesta época em que o mundo caminha para profundas transformações econômicas com a aliança do capitalismo privado ocidental ao capitalismo estatal oriental, para juntos planejarem melhor a economia do mundo, criando os tais "Mercados Comuns", como o Europeu, o Norte-Americano (EUA, Canadá e México), o Asiático (Japão, China e parte da África), o Latino-Americano, etc... só restou aos trabalhadores uma alternativa, ou seja, ao mesmo tempo em que o capital se transnacionaliza, chegando ao ponto de começar a matar sua própria criação, a Pátria, resta aos trabalhadores o mesmo caminho em oposição a eles.

Só a união internacional dos explorados contra os exploradores possibilitará que não sejamos completamente manipulados e levados à mediocridade já que, se o capital se organizar sem resistência, logo nem uma greve geral em um país representará perigo, porque eles estarão estruturados para resistir.

A Associação Internacional dos Trabalhadores foi fundada em 1864 por seguidores de Proudhon, anarquista. Marx entrou nela dois anos depois para — por dentro dela — dar vida aos Partidos Operários socialdemocratas e comunistas, os mesmos partidos que hoje se unem ao capital. Marx e seus seguidores tentaram destruir a AIT criando a II, a III e até a IV Internacional. Nenhuma sobreviveu, só a verdadeira AIT, que tem seções em 15 países. A reconstrução da AIT precisa se fortalecer também no Brasil. Trata-se de uma luta pela vida, porque sem resistir vamos ser completamente sufocados pelo sistema unificado dos poderosos.

Iraque x Estados Unidos: A Guerra do Petróleo

Os Estados Unidos são o maior país consumidor de petróleo do mundo. Usam 25% de todos os barris produzidos. O Iraque invadiu o Irã e lutou oito anos. Agora, em crise, queria aumentar o preço dos barris que vende. Não conseguiu. Por isso invadiu o Kuwait, outro grande produtor. Para aumentar o seu cacife.

Se você achava que a razão do conflito no Golfo era o petróleo, acertou. Mas é claro que eles não dizem isso. Oficialmente todas as guerras da história da humanidade são travadas em nome de "Deus", da "Democracia", da "Liberdade", da "Pátria", do "Grande Líder amado pelo povo", e até do "Socialismo". Trabalhadores lutam contra outros trabalhadores. Generais carniceiros viram "heróis". O atual conflito entre Iraque e EUA não é diferente.

Até um ano atrás os dois países eram aliados. O Iraque invadiu o Irã apoiado por armas americanas e soviéticas. Hussein, o mesmo "louco" e "carniceiro" de hoje, era "amigo" naquela época. Ninguém falava em ditadura no Iraque, nem em torturados e mortos pelo ditador. Assim é a política. Os Estados Unidos denunciam o Iraque pelo uso de armas químicas e pela invasão de um país soberano. Os mesmos americanos que despejaram toneladas e toneladas de napalm e gás laranja na guerra do Vietnã, e invadiram à força a República Dominicana, Granada, apoiaram os contras na Nicarágua e invadiram recentemente o Panamá. O Iraque apela em nome da unidade dos árabes contra o Imperialismo, esquecendo que foi Hussein que iniciou o conflito invadindo um outro país árabe.

A guerra só favorece os dois governos. O americano, porque desvia as atenções de sua crise econômica e dá um pretexto para produzir e exportar mais armas a título de "ajuda". E o iraquiano, porque também desvia os olhos da sua pobreza e dos milhares de mortos da última guerra contra o Irã. Toda guerra na verdade une o povo aos governos, em nome do combate ao "inimigo externo". A defesa do país é, na verdade, a defesa dos nossos exploradores. Hoje, mais do que nunca, os trabalhadores de todo o mundo devem se dar as mãos para acabar de uma vez por todas com esse sistema que cria fome, desemprego, racismo, competição, ditaduras e guerras: o Capitalismo (privado e estatal).

- Fora americanos do Golfo Pérsico e do Panamá! Não ao envio de tropas de outros países para atacar o Iraque!
- Abaixo a invasão do Kuwait! Todo apoio à resistência armada do povo kuwaitiano contra as tropas invasoras de Hussein!
- Pela confraternização dos soldados de todos os países (que apontem as armas na direção dos seus próprios generais!). Não às guerras e aos governos que as criaram!
- Pelo Socialismo Libertário!

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

EDITORIAL

No último dia 19 de setembro o Palácio do Planalto — sede central do Poder — se abriu para a Central Única dos Trabalhadores — CUT, com o Presidente da República recebendo em um encontro especial o sindicalista profissional Jair Meneguelli. Na pauta do encontro o PACTO SOCIAL, ou "como fazer os trabalhadores pagarem a crise calados".

Meneguelli chegou antes das 11 horas pela entrada lateral, meio escondido ou envergonhado, e lá permaneceu por duas horas. Logo na entrada um grupo de anarquistas da COAB/AIT realizaram um pequeno ato abrindo uma faixa "Negociação é traição", mas logo foram forçados a sair de frente do Planalto por ação da Segurança e da Polícia.

Enquanto Meneguelli dava os primeiros passos para vender os trabalhadores ao Governo, milhares de servidores públicos em greve faziam uma enorme passeata de protesto, cercados por policiais militares a cavalo, além dos pelotões de choque da PATAMO, muito temida em Brasília.

A ida de Meneguelli a Collor e o quadro que se viu fora dos confortáveis gabinetes palacianos, por si, já demonstram uma nova realidade: enquanto as "direções" negociam, a "base" vai à luta.

Essa história de "Pacto social" não é nova. No final dos anos 70, antes das grandes greves dos metalúrgicos do ABC, o próprio Lula (moderado naquela época) chegou a participr de reuniões sigilosas com o Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, que com Delfim Netto articulava um primeiro Pacto. Vieram as greves e a radicalização da luta, e o 'Pacto" não andou.

É sempre assim: sempre que o Sistema se vê ameaçado por uma recessão avassaladora, torna-se importante negociar. É a velha história da socialização dos prejuízos.

Em toda a história, e em todos os países onde houveram "Pactos Sociais", eles nunca foram feitos quando a economia crescia. O caso da Espanha é um exemplo: no final da ditadura Franquista, que deixou a economia espanhola em frangalhos, houve o Pacto de Moncloa, que hoje não vigora mais porque a economia espanhola se recuperou às custas dos sacrifícos do povo trabalhador daquele país.

NA VERDADE, NO PACTO O POVO PAGA O PATO

Hoje a questão do pacto volta sob a forma de "entendimento nacional". O Governo Collor, seis meses depois da sua posse, não conseguiu cumprir sua promessa de acabar com a inflação. Tentou controlá-la com medidas fortes como a demissão de trabalhadores públicos, confisco da poupança popular, desemprego, etc. Sem outra saída o Governo vai ter que apelar para a recessão violenta, o que significa: menos dinheiro em circulação, mais arrocho, mais desemprego, enfim, DEPRESSÃO. Mas o Governo e os Patrões não querem pagar o preço sozinhos, porque temem a "revolta popular": os "saques", entre outas coisas que já aconteceram por exemplo, na recessão de 82/83.

O Governo prepara um futuro negro, mas precisa ganhar tempo nesse período pré-eleitoral, numa época de muitas movimentações. Ao nível do Movimento Sindical o Governo conta com a inoperância das Federações e Confederações pelegas, com o apoio da CGT, e quer isolar a CUT, que não está com grande poder de mobilizações tendo em vista ter apostado tudo na política eleitoral, apoiando a candidatura Lula. Não bastasse isso, internamente a CUT vive outra contradição, ou seja, se vai ao PACTO estará vendida, e se não vai terá de ir para o confronto e, no confronto, quem sempre tem crescido internamente tem sido seus grupos mais à esquerda, grupos que a direção da Central quer colocar pra fora da Central "por serem mais radicais".

O QUE RESTA AOS TRABALHADORES?

O Governo já provou sua eficiência na aplicação de suas receitas e, quem quiser se opor a ele, deverá também demonstrar eficiência no combate. Os Sindicatos Oficiais já provaram que, na primeira abanada de rabo do sistema, logo baixam a crista e traem. As derrotas nas greves dos metalúrgios da CSN, dos eletricitários (cujos sindicatos abandonaram os trabalhadores processados por acusação de sabotagem) demonstram uma predisposição das tais "lideranças" em deixar que as derrotas convençam que é preciso negociar com o Governo.

Enquanto o Governo e a grande imprensa acusam os trabalhadores em campanhas salariais de quererem um "setembro negro", o que se esconde é que é o próprio Governo que nos prepara um "1991 todo negro", não por causa de greves, mas por uma "recessão braba".

Não podemos deixar que nosso espírito de rebeldia morra diante das frustrações armadas pelo peleguismo e pelos entreguistas. É certo que vai aprofundar o desemprego, e é preciso que os desempregados já comecem a se organizar para lutas como a "redução da jornada de trabalho (que todos trabalhem menos mas todos tenham trabalho"). Além disso é preciso se discutir a possibilidade de tomada, pelos próprios trabalhadores, das empresas que irão à falência, não acreditando nessa falsa promessa de participação nos lucros" que o Governo propõe na época em que o que vem por aí são só prejuízos.

Enfim, é preciso se preparar para o fim de todas as ilusões e negociatas, sem medo de usar as armas da Ação Direta e do Sindicalismo REVOLUCIONÁRIO.

A COB presente na Luta dos Servidores

Seguranças impedem protesto Anarquista contra Meneguelli no Planalto

SINDICAIS

Brasília: Servidores federais mostram o caminho

Essa notícia não foi manchete de jornal (e nem da televisão). No último dia 12/9, perto de quatro mil servidores federais fizeram a maior passeata dos últimos tempos na Capital da República. A manifestação, que percorreu a Esplanada dos Ministérios e o centro de Brasília, começou com poucos e foi crescendo pelo caminho. "Arrastões" trouxeram servidores do MEC, da Universidade de Brasília, muitos companheiros da Embrapa, previdenciários, e até mesmo bancários da rede particular se juntaram aos manifestantes no final. Uma importante prova do valor da UNIÃO entre os trabalhadores.

Enquanto os políticos de direita e esquerda brigam pelo novo voto, os servidores federais apontam para o verdadeiro caminho: é na luta que está a nossa força! Todo o apoio à greve dos servidores federais! Até a vitória!

Bancários: Governo e pelegos quebram a unidade da categoria

Quem assistisse às assembléias de bancários na terça-feira, 11 de setembro, dificilmente pensaria que eram da mesma categoria. Em alguns casos chegaram a fazer até quatro diferentes: CEF, Banco do Brasil, Bancos Regionais e Bancos Particulares. O governo mostrou, além disso, que sabe explorar ainda mais a divisão dos bancários. Primeiro anunciou que só daria 15% de aumento para o Banco do Brasil. Chiadeira geral, discursos e ameaças de greve. Chega a véspera das assembléias decisivas, e eles aumentam "de repente" a proposta para 104%. Está dada a senha para a traição geral das direções da categoria. Agora eles tinham um pretexto para voltar atrás.

O Sindicato dos Bancários de Brasília (dirigido pelo PCB) foi de uma "sofisticação" ainda maior: enquanto na assembléia dos particulares eles falavam em "radicalizar", "incendiar a capital com o nosso movimento", os membros da mesma diretoria defendiam na assembléia do Banco do Brasil (com mais de 1.000 presentes) a aceitação da proposta do governo nas cláusulas sociais (assistenciais) e rejeição só das econômicas. E nem pensar em greve: conseguiram aprovar uma paralisação de apenas uma hora, à espera de uma audiência de conciliação no TST. Agora, como falar em mobilização se já aceitam parte das propostas? As cláusulas econômicas, que dizem respeito ao aumento salarial da categoria, são as mais importantes, e nisso o governo não arredou pé. Resultado: os "combativos" companheiros, no dia seguinte, aceitaram a proposta na íntegra e sem qualquer avanço. Adeus greve...

O governo, as direções da categoria, e as assembléias diferentes quebraram outra vez a unidade dos bancários. Que isso sirva de lição: a unidade de uma categoria é muito mais que o exercício de uma mesma profissão; é uma unidade política, que nasce da luta e da ação em comum. Quem viu as suas assembléias não poderia dizer que se tratasse de uma mesma categoria. Tudo isso diminuiu, e muito, a chance de vitória dos companheiros dos bancos particulares que estão em greve. A unidade é uma conquista, uma prova de força, que nesse momento só os patrões foram capazes de mostrar.

Vitória ecológica em Minas

Cambuí é uma cidadezinha localizada no extremo sul de Minas, uma região madeireira daquele Estado. Próximo dali a Companhia Melhoramentos mantém uma cidade onde a entrada de visitantes é proibida. Em Cambuí os jovens locais se mobilizaram contra um desmatamento de 30 alqueires na "Serra do Cabral". Os jovens estudantes invadiram a Câmara Municipal exigindo o "embargo" daquele crime. Chegou-se até a discutir algumas ações diretas contra os devastadores. Pois é, mesmo no interior, onde não se tem notícias de grandes mobilizações, o povo está lutando.

Agora o grupo de Cambuí começa uma movimentação contra as explorações da Santa Casa da cidade, que suga o povo. Mais novidades nas próximas edições.

Organização em Minas

Nosso contato em Minas está comunidando a disposição de muitas pessoas em se unirem à COB com um grupo local de apoio, visando à formação de uma União de Trabalhadores Livres. Qualquer contato dos interessados é só escrever para CP 36 — CEP 37600 — MG.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

"O sindicalismo reformista"

(ou porquê a CUT vai ao pacto)

Do capitalismo de "livre concorrência" o sistema se transformou há muito tempo em capitalismo de monopólios. A cada crise as pequenas empresas vão sendo incorporadas às grandes que, combinadas, dominam hoje o mercado a nível mundial. O sindicalismo não fica imune a tantas mudanças. É o que veremos no texto a seguir, escrito pelo revolucionário Anton Pannekoek nos anos 30 mas ainda bastante atual:

"(...) O grande capital cresce, toma consciência de sua força e deseja ser sozinho o senhor. Os capitalistas aprenderam também o valor da força que dá a associação; organizam-se em sindicatos patronais. Em lugar da igualdade de forças aparece uma nova forma de superioridade do capital. As greves são contrariadas pelo "lock-out", que esgota os fundos dos sindicatos. O dinheiro dos trabalhadores não pode rivalizar com o dinheiro dos capitalistas. Nas negociações sobre salários ou condições de trabalho, os sindicatos estão, mais do que nunca, em posição de inferioridade, porque devem temer (ou tentar evitar) as grandes lutas que esgotem as reservas e, por isso mesmo, põem em perigo a existência estável da organização e dos seus funcionários permanentes. Nas negociações, os delegados têm muitas vezes que aceitar uma degradação das condições de vida para evitar a luta. A seus olhos, é inevitável e temos que dizer isto, compreendem que as condições mudaram e a força da sua organização na luta baixou relativamente.

Do ponto de vista dos trabalhadores, não é absolutamente evidente que se deva aceitar, em silêncio, condições de trabalho e de vida mais duras; os trabalhadores querem bater-se. Aparece então uma contradição. Os funcionários sindicais permanentes parecem possuir o bom-senso por todos. Sabem que os sindicatos estão em posição de fraqueza e que a luta terminará em derrota. Mas os trabalhadores sentem por instinto que grandes forças permanecem escondidas sob as massas; se ao menos soubessem como pô-las em movimento e como servir-se delas! Compreendem bem que cedendo, agora e sempre, verão a sua situação piorar, e que esta degradação só pode ser evitada lutando. Surgem então conflitos entre os filiados dos sindicatos e os seus permanentes. Os sindicalizados protestam contra os novos níveis de salários, sempre favoráveis aos patrões; os delegados defendem os acordos a que chegaram depois de longas e difíceis negociações e tentam fazê-los ratificar. Assim, devem por vezes servir de porta-voz dos interesses do Capital contra os dos operários. E, porque são os dirigentes influentes e colocam todo o peso do seu poder e autoridade de um lado, bem determinado, da balança , podemos dizer que, nas suas mãos, os sindicatos se transformam em orgãos do Capital.

O crescimento do Capital, o aumento do número de trabalhadores, a necessidade permanente para eles de se associarem, transformaram os sindicatos em organizações gigantes, que exigem um estado-maior, cada vez mais importante, de funcionários e dirigentes. Cria-se uma burocracia que executa o trabalho administrativo; torna-se um poder que reina sobre os sindicalizados, porque todos os elementos de poder estão nas mãos de burocratas sindicais. Especialistas, estes, preparam e organizam todas as atividades; ocupam-se das finanças e dispõem de dinheiro em todas as ocasiões; publicam a imprensa sindical, graças à qual podem difundir e impor as suas próprias idéias e pontos de vista pessoais aos restantes filiados. Instala-se uma democracia formal. Reunidos os membros dos sindicatos nas assembléias, os delegados eleitos pelos congressos devem tomar as decisões, exatamente como o povo decide da política por intermédio do parlamento e do goveno. Mas as mesmas razões que fazem do parlamento e do governo os senhores do povo, encontram-se nestes parlamentos do trabalho. A burocracia dos especialistas oficiais, dominando todas as coisas, transforma-se numa espécie de governo sindical, reinando sobre os filiados açambarcados pelo seu trabalho e problemas cotidianos. Já não é a solidariedade, esta virtude proletária por excelência, mas a disciplina, a obediência às decisões que lhes é pedida. Surgem então divergências de pontos de vista e de opiniões sobre várias questões. Crescem do mesmo modo que as diferenças de condições de vida: insegurança de emprego para os trabalhadores sempre ameaçados pelas depressões e pelo desemprego, contrastando com a segurança necessária aos permanentes para uma boa gestão dos assuntos do sindicato. É tarefa e função do sindicalismo, ao unificar as lutas, fazer sair os trabalhadores da sua miséria e angunstia e permitir-lhes conquistar e fazer reconhecer a sua condição de cidadãos e direitos a ela inerentes na sociedade capitalista. Deve defender os operários contra a exploração cada vez maior do grande Capital. Mas, hoje, o grande capital transforma-se cada vez mais em poder monopolista de bancos, de trustes industriais, e assim se reforça, tendo como resultado que essa função primária do sindicalismo desapareceu. O seu poder tornou-se insignificante em relação ao formidável poder do Capital. Os sindicatos são hoje organizações gigantes, cujo lugar é reconhecido pela sociedade. A sua posição está regulamentada pela lei; e acordos que façam tem força legal para toda a indústria. Os seus chefes aspiram fazer parte do poder que determina as condições de trabalho. Formam um aparelho, graças ao qual o capitalismo monopolista impõe as suas condições à classe operária inteira. Para o Capital, doravante todo-poderoso, é mais vantajoso disfarçar a sua hegemonia sob formas democráticas e constitucionais, que mostrá-la sob a forma direta e brutal de ditadura. As condições de trabalho que lhe parecer convir aos operários serão respeitadas mais facilmente sob a forma de acordos feitos com os sindicatos do que sob a forma de imposição feita com arrogância. Para já, porque deixa aos operários a ilusão de serem senhores dos seus próprios interesses; depois, porque tudo o que liga os operários aos sindicatos (os organismos que eles próprios criaram, pelos quais fizeram tantos sacrifícios, travaram tantas lutas, dedicaram tanto entusiasmo), quer dizer, tudo o que torna os sindicatos queridos ao seu coração, é justamente o que torna os trabalhadores dóceis à vontade dos seus senhores. Assim, as condições que vigoram hoje fizeram que, mais que nunca, os sindicatos reformistas se transformassem em órgãos de dominação do capitalismo sobre a classe trabalhadora."

(Extraído de "A Luta Operária", de Anton Pannekoek, militante marxista que, tal como os anarquistas, denunciou a ditadura comunista criada por Lenin e Trotsky, carrascos do povo russo. Pannekoek defendia que, após a revolução, todo o poder devia passar aos conselhos operários, organizações criadas pelos trabalhadores para organizar a produção sem patrões. Esse é o nosso combate, até hoje. A ele a nossa homenagem.)

Endereços da COB para contatos

— União Local de Porto Alegre (RS)
CP 5036 — Porto Alegre (RS)
CEP 90051

— União geral de Trabalhadores de São Paulo
CP 30733 — São Paulo (SP)
CEP 01051

— Núcleo pró-COB Bahia
CP 053 — Salvador (BA)
CEP 40001

— Núcleo pró-COB de João Pessoa (PB)
CP 1078 — João Pessoa (PB)
CEP 58000

— Sindicato de ofícios Vários de Brasília (DF)
CP 020266 — Brasília (DF) CEP 70001

— Núcleos pró-COB de Curitiba (PR)

IMPRENSA LIBERTÁRIA

RS
— Revolta e Revolução
— O Bancário Revoltado
SP
— Ação Direta
DF
— O Anarco-Sindicalista
BA
— Ação Direta
PB
—Autogestão
RS
— O Criativo Anárquico
CP 10008 — Porto Alegre (RS)
CEP 90001
— Desobediência Civil
CP 307 — Canoas (RS)
CEP 92000
RJ
— Utopia
CP 15001 — Rio de Janeiro (RJ)
CEP 20155

EXPEDIENTE

"O Anarco-Sindicalista"

Órgão de divulgação das seções da região Centro-Sul da Confederação Operária Brasileira (COB), filiada à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Comissão Editorial: Sindicato dos Trabalhadores em Ofícios Vários (DF), filiado à COB. Correspondência: Caixa Postal 02-0266 CEP: 70001 — Brasília-DF.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis